

# Tupi, a língua do Brasil

TEXTO: JUCELMO SCHMITT

O número de línguas indígenas faladas hoje no Brasil corresponde a somente 85% das que existiam em 1500. Sobrevivem apenas 180 de um total de mais de mil línguas e dialetos falados naquela época na terra Pindorama. Os 450 mil índios que ainda restam no país vivem espalhados em pouco mais de 200 tribos. A cada ano, duas ou três línguas desaparecem, algumas sem nunca terem sido estudadas.

Quando os portugueses desembarcaram na Bahia em 1500, a língua tupi se estendia por cerca de quatro mil quilômetros de costa, do Nordeste ao sul de São Paulo. Dos mais diferentes dialetos, o que predominava era o tupinambá, o jeito de falar do maior entre os cinco grandes grupos tupis (tupinambás, tupiniquins, caeté, potiguara e tamoiós). Daí ter sido usado como sinônimo de tupi. Os outros índios que ali viviam e que pertenciam a outros grupos lingüísticos eram chamados por eles de tapuias, que quer dizer "escravo". Os tupis viviam em guerra constante contra os tapuias.

Já no começo do século 17, os falantes do tupi estavam sendo dizimados por doenças e guerras, e seu idioma havia sido varrido das principais cidades da costa, como Rio de Janeiro, Olinda e Salvador. Hoje, os únicos remanescentes dos tupis são um pouco mais de mil tupiniquins do Espírito Santo e uns quatro mil potiguaras da Paraíba. Mas todos desconhecem a própria língua – só falam português.

O tupi, que até meados do século 18 foi o idioma mais usado no Brasil, já não existe mais em sua forma original. Porém, o falar dos índios continua vivo na boca de alguns milhares de indígenas e caboclos no Amazonas, onde ainda sobrevive uma variante moderna desta língua, o nheengatu, que quer dizer "fala boa".

O português só conseguiu se impor no litoral no século 17 e, no

interior, no século 18. Em São Paulo, até o início do século passado, ainda podia-se ouvir a língua tupi. No Pará, os caboclos se comunicavam em nheengatu até os anos 40. Apesar disso, o tupi foi quase esquecido. Poucos sabem que este idioma era o mais falado pelo povo durante o período colonial.

O português era usado pelos governantes e nos negócios com a metrópole. O tupi funcionava como uma espécie de língua franca, que facilitava a comunicação entre os diferentes povos nativos e colonizadores com seus escravos.

Em primeiro plano, a língua tupi deve sua notável expansão aos próprios invasores europeus, às expedições e às bandeiras que penetraram no sertão brasileiro e, principalmente, à catequese, que generalizou o uso desse idioma indígena e o cultivou.

Os jesuítas foram os primeiros europeus (1553) a se interessar pelo aprendizado da fala dos nativos e é graças a eles que hoje temos informações a respeito dos antigos habitantes da costa brasileira, da sua cultura e língua. O jesuíta que mais contribuiu para a divulgação do tupi foi o padre José de Anchieta (1534-1595), que não só aprendeu a "língua dos gentis" como também escreveu nesse idioma a sua primeira gramática, *Arte de Grammatica da Lingua Mais Usada na Costa do Brasil* em 1595. Além disso, compôs poesias em tupi e o ensinou aos outros religiosos. Com seus mais de 80 poemas sacros e peças de teatro, inaugurou assim a literatura brasileira.

Com a expulsão dos jesuítas do Brasil e com a proibição do ensino e do uso da língua tupi pelo Marquês de Pombal em 1758, ela passou aos poucos a ser esquecida. Somente a partir de 1930, os principais documentos, como as gramáticas e



dicionários dos jesuítas, começaram a ser recuperados.

A língua brasílica, porém, não desapareceu definitivamente. Ela continua presente nos mais diferentes setores da vida brasileira. Usamos sem perceber algumas das muitas palavras que a cultura dos tupis nos legou. Ela vive ainda nos topônimos, nos nomes de animais e plantas e outros termos do nosso vocabulário diário, isto é, que se incorporaram à língua portuguesa. Alguns exemplos são as palavras abacaxi, pitanga, caju, jaboticaba, sapoti, gravatá, cuia, socó, arara, pereba, peteca, perereca, itororó, cutucar, jururu, mingau, capim, mirim, socar....

A língua brasílica, conhecida como português do Brasil, resultou de três fontes lingüísticas: o elemento branco, o índio e o negro. Quando



(Tupinambá) e o Guaraní, falado no Paraguai, na Argentina, na Bolívia e no Brasil. Em cada um desses países existem vários dialetos. No Brasil, há três: Kaiwá, Nhandéva (Apapokúva) e Mbyá, além de Avañeém, falado na fronteira com o Paraguai.

O tupi que faz parte desta grande família é uma língua aglutinante e não flexiona em gênero e número. Não há artigo definido nem indefinido. Para se distinguir os sexos, por exemplo, utiliza-se as palavras mena – macho e cunhã – fêmea. Para o plural, usa-se os sufixos etá e tyba – muitos e grande quantidade. Os pronomes pessoais servem também como possessivos. O tupi ou nheengatu possui uma gramática expositiva, dividida em quatro partes exatamente como a da língua portuguesa: Fonologia, Morfologia, Taxinomia e Sintaxe. Quanto à origem do tupi, ainda há muita controvérsia. Calcula-se que tenha nascido há aproximadamente 2500 anos, na Amazônia, e se instalado no litoral no ano 200 d.C. Porém, isso ainda é tido como uma hipótese, diz o arqueólogo Eduardo Neves, da Universidade de São Paulo.

um estrangeiro ouve pela primeira vez o português lusitano e o português brasileiro, ele reconhece, nos dois sons, duas línguas completamente diferentes. O nosso sotaque está longe de ser português. Isso não é novidade, pois temos na língua brasileira 120 mil palavras, originárias das culturas africanas e indígenas, a mais do que na lusa. Essa miscigenação faz com que a língua brasileira seja uma das mais ricas do mundo em sinônimos. A língua portuguesa original, trazida para o Brasil no século 16, continha apenas 140 mil verbetes.

As funções dos três elementos que formam a língua brasileira estão mais ou menos assim definidas: o português nos deu verbetes jurídicos, políticos e didáticos; o africano nos legou verbetes sobre espiritualidade, culinária, lazer, gíria (p. ex. orixá, nagô, acarajé, bunda, xodó,

gogó, tijolo, muvuca, maluco, garfo, dengue, camundongo, caçula etc); o tupi nos deixou verbetes que nos permitem ir e vir no real sentido locativo e toponímico. Seria muito difícil para os brasileiros continuarem se comunicando, se tivessem que deixar de lado todas as palavras de origem tupi e usar apenas o recurso da língua portuguesa. Daí o grande problema em se fazer uma unificação ortográfica com os demais países de língua portuguesa.

O nome tupi não deve ser confundido com o tupi-guarani, que é uma família lingüística e não um idioma. Ela é uma das famílias lingüísticas mais extensas e bem estudadas da América do Sul, abrangendo, conforme o professor Aryon Rodrigues, renomado lingüista brasileiro, mais de 50 línguas atuais e distintas. Desta família, as línguas mais conhecidas são o Tupi antigo

O desejo de alguns tupilogistas brasileiros, simpatizantes e defensores da cultura tupi, é que os nomes de ruas e cidades brasileiras desta origem venham acompanhados de uma pequena explicação etmológica ou tradução. Desta forma, aprenderíamos o significado e a origem de muitos termos indígenas.

Alguns exemplos ilustram essa idéia: Pará, é mar; Tijuca é barro mole; Aracaju é tempo de caju; Paraíba é rio encachoeirado; Pirapora é peixe que salta; Pindorama é país das palmeiras; Sergipe é rio dos siris; Goiás é gente da mesma raça; Piratininga é seca peixe; carioca é casa de branco; Anhangabaú é buraco do diabo; Ipanema é água/lago suja/o; Itaú é pedra preta; Bauru é vasilha de frutas; Caçapava é lugar onde se atravessa a mata. Dez dos estados brasileiros e sete das suas capitais possuem nomes em tupi. ■